

editorial



*Nobres há muitos. É verdade.
Verdade. Homens muitos. É muito verdade.
Verdade que com um lenço velho
As nossas mãos foram enlaçadas.*

*Nós, como aliados, eu digo.
Panos, só um, tal qual afirmo.
A lua ilumina o meu feitio.
O sol ilumina o aliado.*

*Água de Héler! Pelo vaso sagrado!
Nunca esqueça isto o aliado.
Juntos, combater, eu quero!
Com o aliado, derrotar, eu quero!*

*A lua ilumina o meu feitio.
O sol ilumina o aliado.
Podemos, talvez, ser derrotados
Ou combatidos, mas somente unidos.*

(Ruy Cinatti, «Poema do Pacto de Sangue»)

Este poema de Ruy Cinatti, que descreve o pacto de sangue que celebrou com alguns membros de famílias nobres timorenses, sintetiza de forma sublime a história do relacionamento entre os nossos dois povos. História ancestral, marcada com igual intensidade pelo sofrimento e pela alegria e que está perto de conhecer um desenvolvimento marcante: a independência de Timor-Leste.

O Instituto Camões não podia deixar de se associar a este momento histórico, que perspectiva desde já uma das principais tarefas que a nossa política cultural externa terá de prosseguir nos tempos vindouros: a consolidação do português como língua oficial do futuro Estado de Timor-Leste.

Este desafio enquadra-se nos objectivos que traçamos para a nossa política cultural externa e para a futura acção do Instituto Camões: por um lado, preservar e promover uma identidade lusófona, reforçando a ligação entre todos os que falam português no mundo, e, por outro, ser um dos instrumentos da nossa política externa, contribuindo assim para um novo recorte na afirmação de Portugal.

O processo de escolha de uma língua, tal qual foi feito pela Assembleia timorense, não é um acto meramente administrativo. A língua enquanto instrumento do inconsciente é muito mais do que um veículo de comunicação, é também um factor de construção e consolidação da identidade nacional, como nos explicam o Professor José Mattoso e o Professor Geoffrey Gunn.

A decisão soberana do povo timorense ao escolher o português como língua oficial foi também uma decisão política. O português foi durante muitos anos a língua da resistência, uma língua de esperança, sendo falado apenas pelos timorenses mais velhos e pela Igreja como nos explica Matan Ruak no seu artigo deste número.

A sobrevivência da língua portuguesa deveu-se assim à coragem e tenacidade de alguns, personificados no Padre João Felgueiras, que, durante 13 anos, ensinou, secretamente, o português no Externato de S. José em Díli. Todas estas circunstâncias trazem responsabilidades acrescidas à nossa futura cooperação com Timor no domínio da língua e da cultura. O esforço que o Estado português terá de desenvolver parecerá sempre escasso quando comparado com a imensidão do desafio que temos pela frente. Procuraremos contudo adequar as nossas estruturas às necessidades existentes, aprofundando as acções em curso ao nível do ensino primário e secundário, que envolvem já cerca de quatro mil alunos, ampliando o Departamento de Português na Universidade Nacional de Timor-Lorosa'e e dinamizando a actividade do Centro de Língua Portuguesa em Díli.

Desde o ano de 2000 que enviamos cerca de 350 mil manuais escolares e 650 mil livros. Todavia o nosso activo mais importante e que deve ser devidamente valorizado são os nossos cooperantes, entre os quais se encontram os 410 professores que já passaram por Timor. Impõe-se, neste contexto, uma palavra de admiração e apreço pela sua abnegação e espírito de sacrifício.

Uma referência também para a Comunidade de Países de Língua Portuguesa que, com a adesão de Timor, passará a contar com oito Estados membros, adquirindo uma dimensão verdadeiramente transcontinental e transoceânica. Contaremos certamente com a colaboração e dedicação de todos os seus membros neste esforço conjunto de consolidação da língua portuguesa.

Termino recorrendo novamente a Ruy Cinatti, português de filiação, timorense por sentimento, como nos descreve o Padre Peter Stilwell, fazendo votos para que a independência de Timor-Leste no dia 20 de Maio contribua para a manutenção e reforço dos «elos sagrados, profanos e sacros» que unem Portugal a Timor.

António Martins da Cruz

MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS